

## **Adução & Abdução: a obra**

### **Apresentação**

Gostaria de saber se vocês teriam interesse em agenciar meu livro de fantasia/ficção-científica, no caso, para uma 2ª edição, e, também, para o segundo livro continuação deste primeiro que estou na fase final da escrita, quando completo, será um dos maiores livros do gênero já publicado no Brasil com aproximadamente 1300 páginas (e ideias para escrever mais). Ambos, especialmente o primeiro, se encaixam na linha de “ficção-científica e fantasia focada no desenvolvimento dos personagens”.

O título ADUÇÃO, O DOSSIÊ ALIENÍGENA foi lançado em novembro de 2015 pela editora Talentos da Literatura Brasileira. Maiores detalhes se encontram na página:

[http://www.pedroom.com.br/portal/miniblog/comentarios/aducao\\_index.htm](http://www.pedroom.com.br/portal/miniblog/comentarios/aducao_index.htm)

O título ABDUÇÃO, RELATÓRIO DA TERCEIRA ÓRBITA encontra-se em fase final de escrita. Maiores informações se encontram na página:

[http://www.pedroom.com.br/portal/weblog/weblog\\_2.htm](http://www.pedroom.com.br/portal/weblog/weblog_2.htm)

### **Autor**

Pedroom Lanne, escritor, paulistano, geminiano, 47, formado em Produção Editorial, webdesigner, webwriter, mestre e professor de Comunicação Social. Maiores informações, como currículo, produção intelectual, portfólio, outras publicações, blogs, mídias sociais etc, se encontram no site oficial do autor:

<http://www.pedroom.com.br>

### **Abdução, Relatório da Terceira Órbita**

#### *Sinopse*

Na continuação da aventura da dupla Manilla através da curvatura do tempo, um casal de alienígenas chamado Sawmill<sup>A</sup> visita a Terra vindo do futuro, percorrendo o caminho inverso da dupla narrado no título "Adução". Apesar de separados pela longa distância entre as dimensões que habitam, por caminhos que perpassam pelo passado da dupla e o futuro dos alienígenas, os destinos de Manilla e Sawmill<sup>A</sup> acabam se cruzando. Um contato do qual dependerá o destino do inteiro planeta e a sobrevivência da raça humana.

Segue o trecho inicial da obra.

#### **Capítulo XVI – O pretérito retroativo**

J á passava da meia-noite quando o xerife Hut Cut conseguiu se livrar da burocracia e falta de bom-senso dos militares com suas infundáveis verificações de “rotina” e intermináveis relatórios de registro, atravessar a última barreira do sítio de segurança máxima onde estava e, ao volante de sua caminhonete particular, tomar o rumo da autoestrada de volta para sua cidade no Novo México – “até os federais conseguem ser menos escrotos que esses caras”, pensou ao acenar com seu injuriado semblante para o último sentinela que guardava o portão da cerca que delimitava a servidão de terra do complexo militar à rota 70, ainda que este último não fosse o alvo de seu ultraje, não passando de um inocente sentinela que sequer

era militar, tratando-se de um empregado civil. Não mais que três milhas, contando a estradinha de terra pela qual trafegava, o separavam do perímetro urbano e, uma única quadra, a de sua própria chácara onde morava com seus fiéis *dobermanns*, para que estivesse de volta a solidão de seu lar, tempo suficiente para começar a espairecer a cabeça depois de um longo, entediante e estafante dia de trabalho. Ao menos a noite estava linda, enfim pode suspirar ao alcançar a rodovia, paisagem típica de primavera, com o céu em sua escuridão de Lua Nova, límpido e recheado de estrelas, cobrindo a pista vazia sem qualquer outro veículo a vista na dianteira ou traseira, panorama perfeito para aproveitar e cometer aquela que era a única infração que o homem da lei se permitia: embriagar-se ao volante – “até por que eu consigo dirigir bem melhor que qualquer um seja qual for o grau de meu estado”, conforme costumava pensar ou dizer para sua falecida e saudosa amada para se justificar, gabando-se de nunca ter se envolvido em qualquer acidente ou incidente automobilístico em sua vida, “e quem é que vai me prender?” –, especialmente quando aquele delicioso *cowboy* encontrava-se logo ali em seu porta-luvas.

– Um brinde para todos vocês, seus filhos-da-mãe! Até nunca mais! – disse antes de levar a pequena garrafa à boca, assim demonstrando outro costume seu, o de falar sozinho: – Um idiota resolve pular *sua* maldita cerca e *eu* que tenho de ficar a noite inteira para ser questionado, “formalidades que garantem a segurança da nação” – falou forçando uma voz afeminada, depois retomando seu tom rouco normal: – E tem que ouvir essa também, era tudo que eu queria. Como se aquele *freakizinho* fosse realmente um terrorista ou espião, eles podiam deixar um míssil explodir na cabeça dele invés de encher meu saco. Ainda têm a pachorra de falar que burocracia é coisa só de comunista, ora! Precisam urgentemente aprender a garantir a segurança sem essa paranoia – calou-se para dar o seu mais que merecido primeiro gole do dia, afinal, normalmente esse pequeno ritual vespertino de sua vida, que perdurava desde quando se tornara adulto, se iniciava junto ou não muito tempo após o pôr do sol, enfim completando a frase para si mesmo em um brinde solitário sem imaginar que antes do próximo amanhecer iria jurar para depois descumprir a promessa de parar de beber: – Que nem eu... E sem perder as rédeas da minha cidade – últimas palavras estas nas quais jaziam o cerne maior de seu repúdio: o medo de que um dia para destruir *àqueles paranóicos malditos*, sua amada terra natal seria igualmente varrida do mapa, “pior é que o tonto ainda acha que o perigo aqui é o etê”, disse rindo consigo mesmo.

O “tonto” em questão era o meliante que havia invadido o perímetro de segurança que acabava de deixar, Jorge era o seu nome, mais um que se aventurara pelas terras restritas dos militares para fazer campana na tentativa de avistar discos voadores ou qualquer tipo de óvni extraterrestre, ou, quem sabe, na melhor das hipóteses, chegar a fazer contato com algum alienígena e ser levado para outro planeta. Acreditam, os tolos, que ali era um local de alta atividade abduziva, um “vórtice energético” ou “magnético” como pregavam alguns metidos a estudiosos do assunto, “observadores de fenômenos astronômicos não-conhecidos” ou ufólogos, conforme se apresentavam como autênticos cientistas malucos – não era novidade para Hut Cut prender um, na maioria das vezes, não por invasão de propriedade particular como no caso de Jorge, mas por embriaguês e porte de substâncias ilícitas: drogas, geralmente *marijuana*, “então veem uma estrela cadente e vão embora contando pra todo mundo que avistaram um óvni”, comentava o xerife a respeito dessas figuras que frequentavam a cidade,

a famosa “*alientown*” –, isto sem mencionar aqueles que eram os verdadeiros *aliens* que apareciam nas redondezas, os *chicanos* e latinos ilegais, “bando de ciganos muambeiros”. Mal sabiam que o máximo que havia por ali eram, oficialmente, algumas áreas de testes de artilharia e mísseis convencionais agrupadas pela sigla RSMR – *Red Sands Missile Range* – mas que, não-oficial e verdadeiramente, consistiam em um território de segurança máxima que abrigava três silos atômicos, três mísseis intercontinentais balísticos de porte nuclear, daí a paranóia com qualquer invasor que se possa imaginar, “e eles sempre imaginam” ser um espião comunista – “como pensas que um espião ou informante se disfarçaria para invadir o perímetro?” – foi o que questionou o tenente-coronel Carrol, comandante do sítio de segurança, a respeito do gaiato aprendido para justificar suas exigências formais, este sim o “coronelzinho” burocrata que Hut Cut realmente desprezava. Além disso, a base abrigava um aeroporto exclusivo das forças armadas com duas pistas capazes de receber qualquer porte de aeronave, sendo monitoradas por um sofisticado sistema de radares que, justamente, fazia do lugar a matriz da RSMR no Estado, no mais, a única coisa do além que pairava nas redondezas eram boatos sobre alienígenas. Boatos que só se prestavam a dois favores: manter aberto o leque de especulações da mídia local e atrair turistas para a cidade, além de, na visão do xerife, lhe dar trabalho.

Segundo gole e, sob o sabor e o prazer da ebbriedade ganhando sua mente, Hut Cut já se sentia melhor, mais um golinho, o terceiro, quando finalmente a embriaguês começa a banhar o cérebro conforme sua própria escala e, *até que enfim*, todo aquele desperdício de tempo para alguém que avançava além da meia-idade estaria esquecido. Entretanto, antes que pudesse derramar o uísque goela abaixo, foi ofuscado por um forte reflexo vindo dos retrovisores que o cegou, um intenso *flash* que o obrigou cerrar as pálpebras num ato instintivo de proteção, que durou um breve instante até que os espelinhos externos fossem violentamente arrancados do veículo, última cena que viu antes de perceber que aquilo não era um carro vindo por trás súbita e inexplicavelmente. Quando se esperava que a luz desaparecesse com a queda dos espelinhos, pelo contrário, ela se intensificou mais e mais, e, sem que pudesse pensar em pisar no freio ou tomar qualquer atitude que não fosse largar a garrafa e o volante do veículo, Hut Cut se protegeu com ambas as mãos conforme o brilho se tornava tão forte como se o sol houvesse se materializado bem a sua frente, intensificando-se até ficar totalmente branco e lhe tomar a mente fazendo com que seus sentidos desaparecessem por completo.

Desprovido da capacidade de entender o que acontecera, Hut Cut sentiu sua consciência retornar a visão branca que lhe cegara e, sem noção alguma do tempo que estivera ausente de seus sentidos, percebeu que o brilho em seus olhos estava diminuindo, tornando-se amarelado, em seguida, novamente captando a escuridão da paisagem noturna ressurgindo a partir do campo periférico de sua vista. O brilho enfraqueceu e foi se tornando um risco que, como um fecho de luz iluminando a estrada e a paisagem noturna, seguia em frente se estendendo e desviando a noroeste deserto adentro, ultrapassando as colinas ao longínquo e delineando suas formas geográficas como se observasse o desenho do pôr-do-sol estampado em suas retinas, da mesma forma como aconteceria com qualquer um que mirasse diretamente o astro-rei com os olhos nus por um largo período. Aos poucos, a fotografia topológica de seus olhos foi se apagando e Hut Cut, ainda atônito pela intensa claridade, enfim voltou a captar o solo desértico ao seu redor, a estrada e, em seguida, algo que parecia uma

mancha rosada lhe atrapalhando a visão, somente então percebeu que a “mancha” eram suas mãos que ainda lhe cobriam a vista. Baixou os braços e, embora ainda sofresse com o brilho em suas retinas, percebeu que a estrada se mantinha a sua frente exatamente como antes da luz surgir, continuava dentro de sua caminhonete que, conforme notou tão logo reassumiu o volante, deslocava-se em alta velocidade beirando entrar em pêndulo e sair da pista embora seu pé direito sequer estivesse sobre o acelerador naquele momento.

O que Hut Cut não pôde perceber no rápido intervalo em que cobriu sua vista e ficou sem sentidos – que sequer foram de fato perdidos, pelo contrário, foram estimulados ao máximo através da visão tornando nulos seus demais sensores perceptivos –, foi sua caminhonete se levantando cerca de dez metros acima da estrada e, num movimento em forma de parábola, com um tranco suave o suficiente para que fosse absorvido pela suspensão do veículo, retornar ao chão então prosseguindo no rumo que antes se encontrava, içada por um campo magnético como se um guindaste invisível a tivesse levantado, baixado e, com um forte impulso, a acelerado naquele pequeno íterim, até o instante em que o xerife percebeu que seu carro estava à beira de sair da rota. Ainda em meio à claridade que se dissipava de seus olhos, mas já plenamente em controle de suas faculdades mentais, Hut Cut rapidamente retomou o controle do veículo antes que derrapasse para fora do asfalto, usando o freio motor e movimentando seus braços até se colocar novamente no rumo retilíneo da estrada, então levando seus dedos aos olhos novamente, esfregando-os e piscando freneticamente, tentando fazer desaparecer o brilho que persistia teimosamente riscando sua visão. Antes que conseguisse ou pudesse insistir em se livrar daquela “luz gelada”, conforme lhe veio a mente – afinal, apesar da intensidade, não sentia ou sentira calor algum –, enquanto o veículo já perdia velocidade, Hut Cut viu um imenso buraco na pista a sua frente, sobrando-lhe tempo apenas para pisar fortemente no freio na vã tentativa de não cair dentro dele. Conseguiu, ao menos, sob uma forte cantada dos pneus queimando o piche, breicar o suficiente para, se não evitar a queda, deslizar suavemente buraco abaixo. Enfim, com o veículo parado, o xerife se viu atolado dentro de uma pequena cratera côncava com cerca de um metro e meio de profundidade e uns cinco de diâmetro que tomava completamente a faixa leste-oeste da vicinal.

Com o carro parado, Hut Cut tentou racionalizar o que havia acontecido, inicialmente imaginando que teria sido atingido por algum tipo de míssil, mas logo descartando a hipótese uma vez que nada sofrera, estava inteiro e sem dores pelo corpo, isto é, exceto pelo brilho que ainda persistia em seus olhos, os quais esfregava e piscava na infrutífera tentativa de se livrar daquela insistente luz. Ao seu redor, notou rapidamente, não percebia ou via alguma fumaça, cheiro e qualquer indício que pudesse indicar uma explosão ou a queda de um obus descarregado ou cuja carga falhara na detonação. Nesse instante, o xerife entrou em divergência mental, buscava explicações imaginando que tipo de coisa poderia ter lhe cegado daquela forma e criado aquele buraco na estrada sem que ouvisse algo ou sentisse qualquer estrondo. Sem qualquer explicação inicial para o ocorrido e sem conseguir se livrar do brilho, Hut Cut respirou fundo e permitiu, por um instante, que seus olhos “observassem” aquela luz que parecia não querer se dissipar de suas retinas, e foi justamente nela que encontrou a resposta.